

“O Maior Pecado”

RUBEM BRAGA

A MORAL da história é que não se deve namorar na Barra da Tijuca. Eram 10 da manhã, e em certo ponto junto à imensa praia de Sernambetiba parou um fusca. Saltou um casal e ficou ali a conversar. Ele morava em São Cristóvão e ela em Bonsucesso; tinham atravessado a cidade, viajado toda a Zona Sul, e estavam ali diante da imensa solidão do mar, na manhã de sol. Foi quando apareceu um aviãozinho da FAB, em que um tenente dava instrução a um aspirante. Esses moços aviadores gostam de se arriscar e de assustar os outros: dão vôos rasantes que fazem as pessoas se deitarem de medo, como eu mesmo já vi acontecer, não na Barra da Tijuca, mas em Ipanema, o que é mais grave. Houve uma falha do motor, ou o rapaz calculou mal a altura do vôo: o fato é que o homem teve a cabeça decepada e a mulher ficou ferida. Ambos eram casados, mas como o leitor astuto já entendeu, não o eram entre si: êle morava em São Cristóvão, ela em Bonsucesso...

O casal poderia também ser vítima de um assalto, como tem acontecido com freqüência, não apenas a casais furtivos como a simples e honestos pescadores de molinete. E também poderia ter sido **achacado** por verdadeiros ou falsos policiais, como outro dia um amigo meu viu acontecer exatamente na Barra da Tijuca. Imaginando que os casais legítimos não costumam ir namorar tão longe, os policiais (verdadeiros ou falsos...) costumam abordá-los, dar voz de prisão e depois relaxar a dita em troca de uma bonificação.

Repito: não se deve namorar na Barra da Tijuca.

Mas pergunto aos senhores da Polícia e aos meus colegas de todos os jornais: já que uma desgraça aconteceu, por que aumentar a desgraça com um escândalo? A senhora ferida, ao entrar no Miguel Couto, deu um nome suposto, aliás parecido com o seu verdadeiro. A Polícia, porém, apreendera no carro sua bolsa com a carteira de identidade, e forneceu à imprensa o nome verdadeiro. Deve ter avisado seu marido, pois êste foi buscá-la no hospital.

Pergunto: para que publicar isso, com os nomes e os endereços, o local de trabalho e tudo o mais? Dezenas de crimes e assaltos acontecem todo mês sem que a Polícia possa fornecer ao jornal os nomes dos assaltantes. Sim, ela nem sempre consegue elucidar tudo. Para que elucidar tanto, em um caso em que não há nenhum interesse público verdadeiro em contar a história com todos os nomes?

Interesse jornalístico? Mas êste seria o mesmo se o jornal publicasse apenas que a mulher dera no hospital tal nome, mas a Polícia apurara que êste não era o verdadeiro. Não há uma certa ferocidade insensata, uma fofoqueira exagerada em dar o nome e a fotografia dessa jovem senhora — que ficará anos e anos, talvez para sempre, conhecida como «aquela que foi com um sujeito à Barra da Tijuca e veio um avião...»?

Dizia o velho Machado de Assis que «o maior pecado, depois do pecado, é a publicação do pecado». E êle também era jornalista, e escrevia, oh colegas!, melhor do que nós todos.

1/2/67